

Braz do Amaral e os temas da sua obra

Tematizar a obra de um historiador como Braz Hermenegildo do Amaral (1861-1949) que ajudou a fundar e se vinculou a instituições de prestígio no estado da Bahia, a exemplo do Instituto histórico e a Academia de Letras, e tratou de diversas questões ao longo de sua vida implica cercar os temas de uma problemática, seja pela natureza de cada um deles ou pelo lugar ocupado por quem o abordou. Por se tratar de um homem que viveu nas metades de dois séculos convém analisar a sua obra de três perspectivas: investigar a sua ligação com as instituições, refletir sobre a escolha de determinados objetos e observar como isso foi convertido em texto e tratado no tempo.

Na década de 1970, Michel de Certeau refletiu, no livro *A escrita da história* (1982), especialmente no capítulo intitulado “A operação historiográfica”, sobre a particularidade do discurso histórico e do historiador quanto ao lugar e ao domínio de sua investigação e observou que os temas, os documentos, as questões e os métodos são organizados em função dessa singularidade.¹ As suas reflexões levaram-no a elaborar sentenças que possuem sentido universal e ressaltam a importância das “leis do meio” que envolvem o trabalho do historiador.

Michel de Certeau é categórico ao afirmar: “Não existe relato histórico no qual não esteja explicitada a relação com um corpo social e com uma instituição de saber.”² Para este autor, a história deve ser apreendida a partir da relação entre o lugar, a prática e a escrita.³ Nessa perspectiva, a “instituição” aparece como a palavra chave para compreensão dos segredos internos do discurso histórico, em função da qual ele se organiza. Essa tese de Michel de Certeau orienta a pesquisa e o exame da obra do historiador baiano Braz do Amaral. Em sentido contrário, com este trabalho empírico essa ideia ganha sentido. Não só a escolha dos temas revela a relação com as instituições às quais se vinculou, como o método e a narrativa apontam certo modo de fazer história a elas relacionado.

Braz do Amaral era natural de Salvador, na Bahia. Em 1886, diplomou-se na Faculdade de Medicina do Terreiro de Jesus, onde compôs o quadro de professores ainda na fase final do Império. Lecionou também no Instituto Oficial do Ensino Secundário, na Escola de Belas Artes e no Ginásio da Bahia, neste último caso ministrando “História Universal” e “História

do Brasil”. Foi sócio efetivo fundador (1894), orador e presidente (1921-1937) do Instituto Geográfico e Histórico da Bahia (IGHB) e fez parte da Academia de Letras da Bahia (1917) onde ocupou a cadeira número 4, cujo patrono é Sebastião da Rocha Pita e assumiu os cargos de secretário e presidente. Pertenceu também ao Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro (IHGB). Foi membro de grupos literários na Bahia, a exemplo da Tertúlia das Letras e das Artes, do Grêmio Literário e da Nova Cruzada. Elegeu-se, em novembro de 1948, membro correspondente da Academia Portuguesa de História, ocupando a vaga deixada por Afrânio Peixoto. Foi nomeado presidente da comissão executiva do I Congresso de História da Bahia, que seria realizado em 1949.⁴

Do ponto de vista das instituições políticas, vinculou-se ao projeto de poder de J. J. Seabra e essa aproximação rendeu-lhe alguns trabalhos. Ele foi convidado por Seabra, em seu primeiro governo (1912-1916), para pesquisar e debater as questões de fronteira da Bahia com outras províncias, principalmente, Sergipe e Pernambuco, que deram origem aos relatórios apresentados na Conferência de Limites de 1920. Além disso, apoiou o então governador em sua política de remodelação de Salvador. Atuou como deputado federal eleito pelo Partido Republicano em duas legislaturas consecutivas (1924-1926/1927-1929).

As relações com políticos baianos, a exemplo de J. J. Seabra, e o conseqüente apoio aos seus projetos também favoreceram a escolha de Braz do Amaral para a realização de determinadas tarefas, como as pesquisas em Portugal e nos arquivos da capital e da Bahia, cujos resultados renderam relatórios sobre os limites deste estado, textos sobre a história da independência do Brasil e documentos para complementar as crônicas de Inácio Accioli e Luís dos Santos Vilhena. O próprio Braz do Amaral reconheceu que adquiriu suficiente instrução da província, pelo exame e leitura de importantes documentos dos arquivos da capital e pelas pesquisas pessoais feitas no interior. Com isso ele acreditava estar prestando serviço à nação.⁵

Esse breve relato biográfico mostra que Braz do Amaral se associou a instituições e a grupos ligados à política, à literatura, à arte, aos campos médicos, e, principalmente, à história. Não se limitou, porém, ao estado da Bahia, transitou por outros espaços, colaborou como sócio correspondente do IHGB, chegando a representar a instituição no Congresso de História de Montevideu, em 1930. À luz da tese, segundo a qual, “o estudo histórico é produto de um lugar”, e em razão da extensão da análise dos textos e discursos em torno da obra do

historiador baiano, falaremos brevemente dos trabalhos originados do seu vínculo com o Instituto Geográfico e Histórico, a Academia de Letras e a Faculdade de Medicina, que se constituem em narrativas sobre a história da Bahia e do Brasil.

Entre as citadas, as instituições históricas, particularmente, nasceram com o objetivo de fabricar ou preservar uma memória para a Bahia ou para o Brasil. Sendo assim, seus membros coletavam e organizavam documentos, discursavam sobre eles próprios com o intuito de reforçar a imagem do homem político, colaborador da história, e promoviam eventos e publicações. O IGHB buscou criar uma história para a nação e Braz do Amaral foi um colaborador ativo desse projeto, que era parte de um projeto historiográfico nacional.

A criação dos institutos históricos nas províncias seguia orientações do IHGB, localizado na capital do Império, que, por sua vez, buscava concentrar os conhecimentos sobre o Brasil. Isso fazia parte do projeto historiográfico dessa instituição, que se articulava ao objetivo mais amplo de centralização política de meados do século XIX, conforme destacou Manoel Luís Salgado Guimarães. A história seria o instrumento capaz de forjar uma nacionalidade e o instituto o “lugar privilegiado” onde seria escrita. A partir das pesquisas desenvolvidas nesse centro e em seus congêneres poder-se-ia conhecer o Brasil, o seu território, a sua colonização, os povos que o habitavam.⁶

Braz do Amaral estava vinculado a esse projeto não somente porque fazia parte do corpo de sócios do IHGB, e de seu correspondente baiano, mas principalmente porque atendia a essas demandas. Nas revistas do Instituto Histórico Geográfico Brasileiro, bem como na revista Estudos Brasileiros, cujos textos localizados apontam uma forma mais cuidadosa de tratar os mesmos temas abordados nas revistas da Bahia, escreveu sobre os subterrâneos, os jesuítas na Bahia, as biografias e a República. A publicação de textos em revistas de instituições de fora da Bahia revela que o historiador baiano rompeu o cerco regional, no que diz respeito ao sistema editorial, embora tenha mantido a centralidade da Bahia em seus argumentos.

Nas revistas do IGHB, no entanto, foi possível contabilizar 41 discursos de Braz do Amaral, alguns bem longos com cerca de sessenta páginas, e outros mais curtos. Alguns, de fins do século XIX tratam das pesquisas feitas nos subterrâneos de municípios da Bahia, que resultaram dos seus estudos sobre arquivologia, outros, do começo do século XX, discutem as

questões dos limites do estado para demarcação do seu território e, possivelmente, confecção do mapa. Há a biografia de alguns homens públicos e políticos desse estado, a exemplo de J. J. Seabra, ou de notáveis do Império e da República. Trata, ainda, da colonização estrangeira e da presença jesuítica na Bahia. Por fim, a recorrência de textos de cunho político, que abordam as revoluções do século XVIII e XIX, ocorridas no estado da Bahia ou fora dele, como a Conjuração Baiana (1798), a Independência (1823), a Cemiterada (1836), Guerra dos Farrapos (1835), a maioria de Pedro II, a Sabinada (1837), entre outras. Além desses assuntos, outros aleatórios, como o que trata do Centenário do Ensino Médico no Brasil.

Portanto, embora o seu repertório temático seja amplo, o que prevalece entre seus escritos é o estudo dos acontecimentos políticos, das revoluções. Devendo ser esse o grande tema da sua história, que, fracionado, gera uma série de outros objetos ou variações no interior dele.

Nas revistas da Academia de Letras da Bahia, escreveu cerca de 10 textos, bem curtos, contendo os mais longos cerca de doze páginas. Dessa forma, acredita-se que seu envolvimento com essa instituição tenha sido mais tímido, embora tenha assumido a presidência a partir de 1930. São textos das décadas de 1930, 1940 e um de 1952, publicado após sua morte. Os títulos desses textos mostram que, para além dos argumentos e temas históricos, Braz do Amaral aventurou-se em estudos da arte também.

Entre os poucos discursos feitos e trabalhos apresentados à instituição, o que ganhou notoriedade foi “Luís Vilhena: comunicação feita à Academia de Letras da Bahia”. Trata-se de um comentário acerca das cartas do português Luís dos Santos Vilhena, que viveu no Brasil entre 1787 e 1799, cujo conteúdo retratava a Bahia de fins do século XVIII, em seus aspectos topográficos, socioeconômicos, intelectuais e sanitários. As cartas foram copiadas de um manuscrito da Biblioteca Nacional durante o governo de Antônio Moniz (1916-1920), com o apoio de José Joaquim Seabra, e publicadas em 1922.⁷

Essas duas instituições, o IGHB e a ALB, foram consideradas as mais “vigorosas e respeitáveis” do começo do século, tendo se destacado a primeira como uma “escola” de pesquisa histórica, de onde saíram “historiógrafos”.⁸ Conforme Aldo José Moraes da Silva, essa instituição foi reconhecida pela sociedade e pelo governo como aquela “responsável pela produção de dados senão oficiais, pelo menos, legitimamente representativos da Bahia.”⁹

Em razão dessa credibilidade, o IGHB e seus membros foram procurados, em diferentes momentos, por setores do governo para realizar pesquisas e apresentar informações sobre determinadas questões. Braz do Amaral figura entre as personalidades mais solicitadas da instituição.¹⁰

A Faculdade de Medicina da Bahia, outro espaço pelo qual transitava, era influente e atraía pessoas de outras regiões do país. Era considerada uma instituição de prestígio no estado e concentrava a vida intelectual baiana. Nessa época, final do século XIX e começo do XX, Salvador também se configurava como polo de atração, sobretudo do ponto de vista da sua importância no terreno da cultura, segundo Machado Neto.¹¹

Thales de Azevedo também enfatizou, no livro “As ciências sociais na Bahia” (1964), o papel central dessa Faculdade no movimento intelectual baiano no século XIX. Além de tudo que se produzia como conhecimento do social, ela possuía um “rico” acervo bibliográfico. Naquele espaço era possível ter acesso a obras de Lombroso, Charles Darwin, Tocqueville, Proudhon, Stuart Mill, Sílvio Romero, Bergson, Nietzsche, Le Bon e de muitos outros pensadores.¹²

Esses são alguns dos nomes que influenciaram os intelectuais baianos do final do século XIX e começo do XX. Quanto aos pensadores europeus, Thales de Azevedo observou que a Bahia recebeu essa influência por ser um grande ponto comercial e por ter mantido relações com Portugal e outras partes da Europa, algo que se acentuou a partir de medidas como a abertura dos portos.¹³

A Faculdade de Medicina recebia e refletia essas influências nas produções dos estudantes e formandos. As teses defendidas na instituição eram um termômetro, como demonstrou esse autor, das ideias filosóficas e científicas que orientavam os estudos, a exemplo do positivismo, do monismo, evolucionismo, da antropologia criminal, da etnografia. Em meados do XIX certos temas apresentados naquele espaço mostraram o interesse pelos “fatores sociais da biologia”.¹⁴

Nesse ambiente, Braz do Amaral concluiu os seus estudos médicos, ele próprio contribuindo, como reconheceu Thales de Azevedo, com investigações sobre a classificação cultural e linguística das tribos indígenas da Bahia, bem como sobre as tribos negras importadas.¹⁵ A tese por ele defendida, embora não localizada nos arquivos da Faculdade de

Medicina, indica pelo título, “Relações entre as moléstias constitucionais e as lesões traumáticas”, que o futuro historiador estava afinado com as referidas ideias que associavam fatores sociais e biológicos. Apesar disso, observa-se que, com um repertório amplo, Braz do Amaral, ligado a instituições guardiãs das letras, estava mais interessado em discursar, em tratar de temas históricos, do que, propriamente, diagnosticar.

Os livros publicados e comentados por Braz do Amaral oferecem uma diversidade temática e assinalam a relação com o lugar de fala dele. De certa forma, com algumas exceções, a maioria aborda mais detalhadamente assuntos já discutidos e divulgados em outros meios, como no caso das revistas dos institutos históricos. Merece destaque o livro *Os Pan-Americanos: estudo das origens e vida política dos países americanos*, publicado pela editora Zélio Valverde, em 1943, pelo ineditismo do tema entre outros discutidos por Braz do Amaral, apesar do contexto de publicação explicar a sua escolha, haja vista o interesse das elites políticas baianas em estreitar as relações com os Estados Unidos.

O material enfeixado no livro *Recordações históricas*, selecionado pelo próprio Braz do Amaral no *Jornal de Notícias* onde havia sido impresso, e, anos depois, reeditado pela Assembleia Legislativa da Bahia, mostra como é diversificada a temática abordada pelo historiador baiano. Ainda que alguns assuntos tenham sido tratados sem aprofundamento, outros são discutidos recorrentemente, sendo alguns deles matéria de estudos mais demorados que se converteram em livros, como é o caso da *História da Independência na Bahia* (1956).

Braz do Amaral lança o olhar sobre a “liberdade feminina”, o analfabetismo, os arquivos da Bahia e de outros estados, a mestiçagem, o subterrâneo, os limites da Bahia e a geografia do Brasil, discutindo mais amplamente os assuntos relacionados aos acontecimentos políticos do país. Os temas políticos dão o tom à sua obra, sobretudo os ligados ao momento de formação do estado-nação. Embora privilegie os fatos do Império, estuda também a República, como se observa no livro *História da Bahia do império à república* (1923).

Entre os temas elencados é importante destacar o que demonstra o seu compromisso com a prática dos arquivos. É o caso da abordagem que fez dos arquivos onde desenvolveu pesquisas para resolver questões políticas da Bahia, seja de ordem prática como no caso do levantamento sobre os direitos territoriais desse estado ou teórica como elemento para sua

história, a exemplo da viagem feita a Portugal para, entre outras coisas, entender o que os portugueses diziam da independência.

Nos textos em que tratou dos arquivos reivindicou a importância daqueles localizados na Bahia e denunciou o desaparecimento de documentos por conta de vendas ou empréstimos indevidos. Ao ressaltar a riqueza do Arquivo Público do Estado, sobretudo quanto ao período colonial, compara-o ao arquivo português da marinha e ultramar de Lisboa, os dois melhores, para ele, quanto ao acervo de informações sobre a história da administração do país, principalmente da Bahia até o século XVIII.

Pelo que foi possível observar nesses textos, o historiador baiano considerava os arquivos repositórios da “verdade”, em cujas instalações seria possível encontrar documentos que serviriam como “provas” para a história do Brasil. Ao dispensar atenção para essa prática de pesquisa reunindo e criando condições para se chegar aos documentos, ajudou a consolidar certa concepção de história e um modo de escrevê-la com base em coleções de documentos.

Da prática de arquivos de Braz do Amaral resultaram, entre outros trabalhos, os reparos e comentários que ele fez às memórias de Inácio Accioli e às cartas de Luís Vilhena, como foi aludido. Essa iniciativa, além de manter relação com uma concepção de história e de documento, pode ser explicada pela vinculação a instituições como o IGHB que, como vimos, divulgava um projeto de história que possuía como um dos fundamentos acumular documentos para a história nacional.

Há, portanto, um enquadramento em uma tradição da história que favorece a abordagem desses temas. A sua narrativa muito marcada pela lógica da causa e consequência demonstra que se serviu dos documentos oriundos das instâncias oficiais de poder para “provar” o que dizia. O sentido da “prova” como garantia da verdade histórica é algo recorrente em seus textos, como também é frequente o recurso de narrar o acontecimento como se o houvesse visto, sendo ele mesmo a sua própria fonte.

O exame da obra de Braz do Amaral tem mostrado que seu lugar institucional de fala influenciou nas escolhas temáticas, no método de abordagem da história e na sua narrativa; a sua forma de explicar, narrando. Esse exercício, de relacionar a produção do historiador baiano com as instituições às quais se vinculou, corrobora a funcionalidade da tese de Michel de Certeau e leva a crer que o autor teve razão ao afirmar: “É, pois, impossível analisar o

discurso histórico independentemente da instituição, em função da qual ele se organiza silenciosamente [...].¹⁶

¹ CERTEAU, Michel de. A operação historiográfica. In: _____. *A escrita da história*. Tradução de Maria de Lourdes Menezes. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1982, p. 65 e p. 67.

² *Ibid.*, p. 93-94.

³ *Ibid.*, p. 67.

⁴ “As eleições na Academia de Letras – O professor Braz do Amaral na Academia de Lisboa – Outras notas”. *A Tarde*, 30.11.1948. “O falecimento do prof. Braz do Amaral – Uma grande perda para a cultura bahiana”. *A Tarde*, 03. 02. 1949, p. 2. e <http://cpdoc.fgv.br/sites/default/files/verbetes/primeira-republica/AMARAL,%20Br%C3%A1s%20do.pdf>

⁵ CERQUEIRA E SILVA, Inácio Accioli de. *Op. Cit.*, vol I, p. XXXVI.

⁶ Cf. GUIMARÃES, Manoel Luís Salgado. Nação e Civilização nos Trópicos: O Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro e o Projeto de uma História Nacional. *Estudos Históricos*. Rio de Janeiro, n. 1, 1988, p. 14 e 16.

⁷ AMARAL, Braz Hermenegildo do. Luiz Vilhena: comunicação feita à Academia de Letras da Bahia, em 24 de out. de 1917. *Revista da ALB*, Ano 1, v. 1, n. 1, ago. de 1930, p. 16-21. VILHENA, Luís dos Santos. *A Bahia no século XVIII*. Notas e comentários de Braz do Amaral. Apresentação de Edison Carneiro. Volume I. Salvador: Editora Itapuã, 1969.

⁸ MACHADO NETO, *Op. Cit.*, p. 296.

⁹ SILVA, Aldo José Moraes. *Instituto Geográfico e Histórico da Bahia: origem e estratégias de consolidação institucional (1894-1930)*. Feira de Santana: UEFS Editora, 2012, p. p. 237.

¹⁰ SILVA, Aldo José Moraes. *Instituto Geográfico e Histórico da Bahia: origem e estratégias de consolidação institucional (1894-1930)*. Feira de Santana: UEFS Editora, 2012, p. 237-239.

¹¹ MACHADO NETO, *Op. Cit.*, p. 271-273 e p. 295.

¹² AZEVEDO, Thales. *As ciências sociais na Bahia: notas para sua história*. Salvador: Universidade da Bahia, Instituto de Ciências Sociais, 1964, p. 43.

¹³ *Ibid.*, p. 39.

¹⁴ *Ibid.*, p. 39-44.

¹⁵ *Ibid.*, p. 63 e 64.

¹⁶ DE CERTEAU, *Op. Cit.*, p. 71